

O nascimento da psicanálise de criança – uma história para contar

Maria do Carmo Camarotti

Resumo

Este artigo faz uma volta no tempo, abordando histórias pessoais de pioneiros da psicanálise (Hermine von Hug-Hellmuth, Anna Freud, Melanie Klein), as quais se entrelaçam com a própria história da psicanálise. A partir desse resgate histórico e considerando as evoluções na prática clínica, são levantados questionamentos tais como: existência de uma psicanálise de adultos e de uma psicanálise de crianças; lugar dos pais na análise; limites entre pedagógico e psicanalítico; existência ou não de relação transferencial entre criança e analista.

Palavras-chave

Psicanálise, História, Transferência, Pais, Criança.

“... Não se é impunemente filho de um grande homem, se já temos tanto trabalho para nos desfazermos de pais ordinários...”

(De Emma Jung para S. Freud)

Quando se pensa na história da psicanálise de criança, destacam-se os nomes de Anna Freud e Melanie Klein, já que Hermine von Hug-Hellmuth, pioneira da psicanálise infantil, continua sendo desconhecida. Seria esse silêncio em torno do seu nome consequência da sua trágica morte? Hug-Hellmuth foi assassinada em 1924 por seu sobrinho Rudolf, a quem educou seguindo os princípios da pedagogia e da psicanálise.

Mas, foi o inquieto e revolucionário Sigmund Freud quem deu os primeiros alicerces. Este artigo faz uma volta no tempo, abordando histórias pessoais de pioneiros da psicanálise que se entrelaçam com a história mesma da psicanálise.

A origem da psicanálise de criança está ligada à confluência pai-analista, situação que Freud considerava como ideal para se empreender a cura analítica de uma criança.

A psicanálise de criança nasceu de forma marginal e em busca de legitimidade e, por que não, de filiação? Deve-se ao fato de ter sido criação de duas mulheres, Anna Freud e Melanie Klein, ambas protagonizando uma rivalidade fraterna em busca de um lugar junto ao pai da psicanálise? Ou se deve ao fato de ter surgido em meio a segredos e de forma incestuosa, quando sabemos que Anna Freud foi analisada pelo pai, que Klein analisou o próprio filho, que Abraham analisou a sua filha Hilda, e Jung a sua “pequena Agathli”? Além de que a primeira análise infantil, a do “pequeno Hans”, foi realizada pelo próprio pai, Max Graf.

Poderiam os primórdios da psicanálise de criança ser considerados como construção conjunta entre pais e filhos, já que foram as crianças que forneceram inocentemente material (sonhos, jogos, falas) aos seus pais, ávidos em transmitir suas obser-

vações a Freud? O mesmo Freud que disse a Emma Jung não ter tempo de analisar os sonhos dos seus filhos, pois precisava ganhar dinheiro para que esses continuassem a sonhar.

Retomando essa história, voltamos ao ano de 1906, Rua Bergasse, 19, nas conhecidas “sessões das quartas-feiras à noite”. Homens sobriamente vestidos se dirigem à casa de Freud, compartilham de certa intimidade com o professor e são estimulados a falar das observações que fazem dos próprios filhos. Foi esse o modo encontrado por Freud para recolher material e provar que o funcionamento sexual começa no início da vida e se manifesta de várias formas. Esta sua afirmação provocou grande reação da sociedade vienense da época e precisava ser provada, não só pelo material reconstruído na análise de adultos, mas também pela observação direta das crianças.

Max Graf, que entrou na história da psicanálise como pai do “pequeno Hans”, descreveu o clima das reuniões:

“Havia no consultório uma atmosfera de fundação de uma religião. Na cabeceira da mesa, Freud presidia a reunião, sempre examinando seu charuto de Virgínia que ele fumava com olhar sério. Após exposição feita por ele ou por um dos membros, eram servidos doces e café. Eram também fartamente consumidos cigarros e charutos. Após algum tempo de conversa sobre assuntos mundanos, as possíveis discussões se abrandavam” (HILFERDING, PINHEIRO & VI-ANNA, 1991, p.62)

Oito anos após o início dessas reuniões e com relutância de muitos, Margarete Hilferding pôde participar como membro da então Sociedade de Psicanálise de Viena. Como oradora da noite, em 1911, apresentou para um público de vinte homens, provavelmente perplexos, o trabalho “Sobre as Bases do Amor Materno”,

questionando o amor materno inato e falando do bebê como objeto sexual da mãe.

Numa época em que o lugar da mulher era o de cuidar das crianças e a profissão de médica não era bem aceita para o sexo feminino, as ideias de Hilferding foram indiscutivelmente revolucionárias.

A psicanálise de criança teve início num período em que a comunidade analítica debatia a formação do analista e tentava institucionalizar essa formação. Nos anos pós-guerra, a preocupação com o mau uso da psicanálise e o temor do charlatanismo contribuíram para a polêmica sobre a conveniência ou não de autorizar os não médicos a este exercício. Uma resolução tomada em 1927 pela Comissão Internacional de Ensino dispensou os psicanalistas de criança da formação médica que era exigência de algumas sociedades psicanalíticas quando se tratava de analistas de adulto.

Isso imprimiu à psicanálise de criança uma busca contínua de reconhecimento. No seio da psicanálise infantil persistiu um debate entre Anna Freud e Melanie Klein em torno do que é a “verdadeira psicanálise”. Um dos fatores de discordância era a descrença de Anna Freud quanto à possibilidade de a criança estabelecer uma transferência, aspecto este defendido por Klein e que permaneceu como mais aceito entre os analistas.

Freud, apesar de situar as causas da neurose na sexualidade infantil, não se dedicou à análise de crianças. No início de sua obra, afirmava ser necessário maturidade para alguém se submeter à análise, o que inviabilizava sua aplicação a pessoas jovens, adultos pouco inteligentes e incultos.

Em 1909, com a “Análise da fobia de um menino de cinco anos”, Freud lançou o primeiro modelo de análise infantil e provocou agitação e indignação na época, sendo a psicanálise acusada de roubar a inocência dessa criança. Nessa análise, o pai de Herbert (nome verdadeiro do “pe-

queno Hans”) observava e registrava fatos e comentários do filho, cabendo a Freud revelar o sentido para que fosse transmitido a Hans. Freud seguiu os princípios da técnica analítica da época, interpretando à criança seus desejos edípicos e sua angústia de castração. Este caso lhe possibilitou confirmar sua teoria da sexualidade infantil e a aplicabilidade da análise às crianças.

Num pós-escrito de 1922, Freud relatou ter recebido a visita de um jovem de 19 anos que se apresentou como o “pequeno Hans”. Este se tornara um rapaz saudável e declarara estar muito bem e não sofrer de nenhuma inibição.

Entre os anos 1925 e 1930 a questão da profilaxia estava na ordem do dia. Buscava-se a criação de uma sociedade nova. Era a época da reconstrução e dos sonhos. Freud acreditava que a pedagogia de inspiração psicanalítica seria um meio de erradicar as neuroses do adulto. Ao longo de sua obra, pouco abordou a aplicabilidade da análise à criança e foi nas “Novas Conferências”, de 1933, que escreveu sobre a psicanálise infantil, sua aplicação e relação com a educação.

Confessando não ter se ocupado o suficiente dessa questão, orgulhava-se por sua filha Anna ter se dedicado à aplicação da psicanálise à educação, que ele dizia ser talvez a mais importante de todas as atividades da psicanálise.

Freud defendia a aplicação da análise infantil como medida profilática, argumentando que os resultados são seguros e duradouros. Propôs modificações na técnica utilizada com o adulto por considerar, dentre outros aspectos, que a associação livre não tinha razão de ser pelo fato de a criança não possuir superego.

Considerando a brincadeira da criança no *setting* analítico como via régia para o inconsciente, Klein atribuía a este brincar a equivalência da associação livre.

Em relação à transferência, Freud sustentava que esta desempenha papel dife-

rente na análise infantil pela presença real dos pais, opinião defendida por Anna Freud e refutada por Klein. Esta questão é ainda hoje discutida entre os que empreendem a psicanálise infantil, a saber, o lugar dos pais no processo psicanalítico do filho.

No artigo de 1909, Freud afirmou que somente a união de pai e terapeuta em uma única pessoa garantiria o tratamento analítico de Hans. Não incentivou a generalização e aplicação dessa experiência, mas sua crença de que a análise de Hans só fora possível devido à confluência pai-analista provocou grandes repercussões ao longo da história da psicanálise de criança.

Hermine von Hug-Hellmuth, primeira analista depois de Freud a aplicar a análise infantil, divergia da ideia da confluência pai-analista, defendida pelo mestre, argumentando que a criança não confessa jamais seus desejos e pensamentos íntimos e profundos aos pais e que a franqueza psicanalítica do filho dificilmente seria suportada pelo narcisismo parental. Hug-Hellmuth buscava conciliar os objetivos psicanalíticos com os da família, escola e sociedade, tentando desvendar os segredos que a criança ocultava intencionalmente dos educadores. Propunha que o analista de criança não precisava explicitar os impulsos inconscientes, bastando que esses se expressassem em atos simbólicos, sem necessidade de passar pela linguagem falada. O analista deveria ser ao mesmo tempo terapeuta e educador que cura. Essa pedagogia curativa se assemelha ao que foi defendido por Oskar Pfister e que marcou a obra de Anna Freud.

Pfister, interlocutor privilegiado de Freud entre os anos 1909 e 1938, defendeu uma pedagogia adaptativa, considerando ser função do analista orientar pacientes para a sublimação. Freud contestava mostrando que esse método se chocava com a neutralidade analítica, não sendo possível conciliar ciência e religião,

nem a prática do inconsciente com as ilusões de uma pedagogia diretiva.

Foi após a morte de Hug-Hellmuth em 1924, que se levantaram as duas correntes da psicanálise de criança representadas por Anna Freud e Melanie Klein. Ambas envolvidas pessoalmente com o pensamento de Freud de que só a união de pai e terapeuta numa única pessoa garantiria o tratamento analítico de uma criança.

Mudanças significativas aconteceram no modo como se concebe a psicanálise de criança, com as convicções teóricas de cada psicanalista influenciando na sua prática.

Donald Winnicott, discípulo de Klein, afastou-se desta ao defender a participação do ambiente na constituição do indivíduo e o papel dos pais no processo de maturação da criança. Considerando o brincar não apenas uma alternativa simbólica, mas um tempo-espaco de criação e elaboração da realidade subjetiva e objetiva, se opôs aos que se ocupavam mais de interpretar no *setting* analítico o conteúdo da brincadeira. Propôs, assim, o *brincar compartilhado* como atividade autônoma de produção de sentido.

Jacques Lacan, ao considerar que o sintoma da criança corresponde ao sintoma familiar, principalmente ao fantasma materno, contribuiu para a nova prática de análise da criança que se desenvolveu na França com Françoise Dolto, Maud Mannoni, Jenny Aubry, Rosine Lefort e Robert Lefort. Estes últimos criticavam a prática de redução da psicanálise com crianças a uma técnica de jogos e desenhos, defendendo que a criança não deve ser abordada apenas a partir do imaginário. Sustentavam que a criança é um sujeito por inteiro, não havendo diferença entre uma cura de adulto e a análise com uma criança.

A psicanálise é uma só, seja da criança ou do adulto, mas não se pode negar a especificidade do trabalho analítico com crianças. Tomo emprestadas as palavras de

Dolto quando diz que ser afetado pelo impacto traumático e pela intensidade lúdica da criança requer uma grande disponibilidade psíquica, o que torna a prática clínica com crianças, na maioria dos casos, mais difícil e delicada do que a psicanálise com adultos.¶

THE BIRTH OF PSYCHOANALYSIS TO CHILD – A STORY TO TELL

Abstract

This paper proposes a turn back in time, addressing personal stories of the pioneers of psychoanalysis (Hermine von Hug-Hellmuth, Anna Freud, Melanie Klein), which are related with the history of psychoanalysis itself. From this historical point of view and considering developments in clinical practice, some questions are raised: existence of a psychoanalysis of adults and of a psychoanalysis of children; parent's place in the analysis of the child; limits between educational and psychoanalytic; existence or not of a transference relationship between child and analyst.

Keywords

Psychoanalysis, History, Transference, Parents, Children.

Bibliografia

FENDRIK, S. *Ficção das origens*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, A. *O tratamento psicanalítico de crianças* (M. A. Moura Matos, trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1971. (Trabalho original escrito em 1926).

FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v.X, 1996, p.15-158. (Trabalho original publicado em 1909).

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia. In *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v.XVIII, 1996, p.253-280. (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. A questão da análise leiga. In *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v.XX, 1976, p.209-293. (Trabalho original publicado em 1926).

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v.XXII, 1976, p.167-192. (Trabalho original publicado em 1932).

FREUD, S. Conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações. In *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v.XXII, 1976, p.135-154. (Trabalho original publicado em 1932-1933).

GEISSMANN, C. & GEISSMANN, P. *Histoire de la psychanalyse d'enfants: mouvements, idées, perspectives*. Paris: Bayard, 1992.

HILFERDING, M.; PINHEIRO, T. ; VIANNA, H.B. *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta, 1991.

KLEIN, M. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Trabalho original publicado em 1932).

LACAN, J. Nota sobre a criança. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.369-370. (Trabalho original escrito em 1969).

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Trabalho original publicado em 1971).

WINNICOTT, D. W. (Org.). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. (Trabalho original publicado em 1952).

RECEBIDO EM: 20/05/2010

APROVADO EM: 30/06/2010

SOBRE O AUTOR

Maria do Carmo Camarotti

Psicóloga. Psicanalista. Mestra em Saúde Materno-Infantil. Professora no Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. Consultora *Ad hoc* da *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*. Organizadora do livro *Atendimento ao bebê – uma abordagem interdisciplinar*.

Endereço para correspondência:

Av. Agamenom Magalhães, 1500/202 – Torreão
52030-210 – RECIFE/PE

Tel.: + 55 (81)9965-5691

E-mail: cacautti@terra.com.br